

38° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
GT 36 - Sociologia da Adolescência e da Juventude

**“A gente tá bombando nas quebradas”
Juventude e ação coletiva**

Gilberto Geribola Moreno

“A gente tá bombando nas quebradas” Juventude e ação coletiva.

Introdução

Este artigo tem por objetivo refletir sobre os processos de subjetivação política de jovens militantes que atuam em associações populares das periferias da cidade de São Paulo. Esses militantes e suas associações são os objetos de estudo de uma pesquisa etnográfica multi localizada realizada pelo autor ao longo dos últimos anos. Essa etnografia visou compreender as diferentes dimensões da ação coletiva desenvolvidas pelos sujeitos nas periferias da cidade tendo por problemática as possíveis linhas de continuidade ou ruptura presentes na cultura política das diferentes gerações que atuam nas associações de bairro. Minhas reflexões se baseiam nos depoimentos de militantes de três associações no tocante às relações geracionais e a política. Inicialmente o artigo apresenta uma breve discussão conceitual sobre a política. Em seguida estabelece algumas relações entre o campo político e a juventude. Em um terceiro momento apresento e discuto os dados etnográficos colhidos em campo.

Em torno da problemática inicial referente à possibilidade de transmissão da experiência política entre as gerações, observou-se que sobre as diferentes formas de ação coletiva desenvolvidas pelos jovens militantes incidem componentes de agência que redundam na constituição de subjetividades políticas. Essa constituição tem sua dinâmica na possibilidade de seleção e apropriação que os indivíduos fazem de elementos da cultura política presentes em diferentes configurações e circulando pelos territórios das periferias. Alguns desses elementos são oriundos do histórico das lutas populares que se desenvolveram nos anos de acelerado crescimento da cidade (KOWARICK, 1978) especialmente nos anos 1970/80. Esses componentes da ação coletiva podem ser tanto da ordem do discurso, da memória ou da criação e elaboração pelos próprios agentes no presente. Assim, essas dinâmicas envolvem as diferentes gerações como agentes nos processos políticos, comportando variadas formas e direcionamentos para a ação dos atores políticos. Do conjunto de práticas que remetem à ação coletiva destaca-se a vida em associações de bairro.

Tratando-se das relações intergeracionais, a participação nessa modalidade de vida associativa e as práticas políticas das novas gerações tendem a ser pensadas pela ótica das transmissões das heranças políticas das velhas para as novas gerações, tributária da sociologia das disposições de Bourdieu (2007).

O sentido conferido à vida associativa neste artigo toma como marco as práticas políticas dos moradores e militantes dos movimentos sociais populares das periferias da cidade de São Paulo¹. É importante fazer essa distinção tendo em vista que a vida associativa é um fenômeno muito amplo que comporta uma gama muito variada de manifestações de sociabilidade, envolvendo práticas de grupos religiosos, reuniões de vizinhos, encontros para o lazer, grupos de esquina, etc.

Ação coletiva e política.

Ao abordar o problema da ação coletiva considere como campo de pesquisa cinco espaços associativos bem como a atuação de alguns atores nesses espaços como os elementos que possibilitam se aproximar empiricamente dessa noção sociológica e observa-la enquanto uma prática desenvolvida pelos atores sociais.

Parece-me que é preciso esse recorte, pois para perseguir etnograficamente a categoria de ação coletiva se faz necessário delimitar um campo de investigação empírico onde a ação ou um conjunto de ações se realizem a partir da iniciativa e interação dos atores. Nesse sentido, me apoio na definição de Becker (1977) segundo a qual:

As ações coletivas e os acontecimentos que elas produzem são as unidades básicas de investigação sociológica. A organização social consiste no caso específico em que as mesmas pessoas atuam em conjunto para produzir uma variedade de eventos diferentes de maneira recorrente. A organização social (e seus cognatos) não são somente conceitos, então, mas também descobertas empíricas (p. 222).

Nesse ponto é preciso ressaltar que embora sejam categorias que se referem a fenômenos diferentes, ao trabalhar sobre o tema da vida associativa algumas vezes

¹ Durante o período ditatorial (1964/1985) os movimentos populares nas periferias das cidades desempenharam um papel crucial para a redemocratização. Dentre esses movimentos destacou-se os clubes de mães, os movimentos por creche e por melhorias urbanas. A grande movimentação popular culminou em um grande movimento nacional contra o custo de vida. Para maiores detalhes ver: Gohn, 1985; Sader, 1988; Sposito, 2010; entre outros.

recorrerei às expressões movimento, ação política ou prática política designando atividades no interior e a partir dos espaços associativos que dizem respeito à ação coletiva desenvolvida pelos atores. Espero com isso, por uma questão estilística, evitar a reiteração excessiva do termo ação coletiva ao longo do texto. Ao mesmo tempo, acredito que para efeito de escrita essas categorias tenham maior capacidade descritiva das ações desenvolvidas e das práticas que são acionadas pelos indivíduos e grupos. Nesse sentido, ao longo deste texto, essas noções serão usadas para se referir a fenômenos que guardam diferentes graus de similaridades.

Há um motivo adicional e muito importante para se optar pelo uso destes termos: quando se inquire os atores sociais sobre suas práticas associativas estes afirmam estarem “no movimento” ou “fazendo política”. Desse modo observa-se em meu ambiente de pesquisa a emergência do termo “política” como uma categoria nativa para se referir às diferentes formas de participação na vida associativa. Ao realizar o trabalho de campo nos espaços associativos foram os próprios agentes que sinalizaram o entendimento de suas práticas como ações políticas, mesmo aquelas voltadas exclusivamente para as atividades circunscritas ao interior das associações.

Sendo assim, cabe ressaltar que compreendo o universo da política como um conjunto de relações sociais estabelecido pelas pessoas em interação na sociedade e não apenas como as ações desenvolvidas no âmbito do Estado, de seus aparelhos, da política institucional e de seus diferentes agentes. Abordarei como política, mais especificamente, aquelas ações que se desenvolvem no estabelecimento de laços sociais que redundam na ação coletiva com vistas a algum fim específico, seja a reivindicação de um bem de uso coletivo, a busca de melhores condições de vida, as ações comunitárias, as relações de sociabilidade voltadas para o bem comum através ou não do estabelecimento de relações com o aparelho de Estado. Embora eu reconheça a importância dos trabalhos que abordam a política desde uma perspectiva normativa, este artigo está norteado por aquilo “que ‘do ponto de vista nativo’, é considerado como política” (Goldman2006).

Todavia, estabelecendo-se um contraponto, é importante pontuar que em uma abordagem geral e canônica poderia se afirmar que a noção de política que orienta esse trabalho se aproxima daquela estabelecida por Arendt (2007), segundo a qual “a política surge no *entre-os-homens*; portanto, totalmente *fora* dos homens” (p. 23), o que equivale a dizer que não existe uma essência política original do homem. Segundo a autora, “a política surge no *intra* espaço e se estabelece como relação” (p. 23), portanto é

compreendida como a ação dos homens entre os homens e, nesse sentido, realiza-se no espaço público a partir do uso da palavra em sentido amplo.

Nessa perspectiva a política é compreendida como uma atividade para além da esfera do Estado e suas instituições, ou seja, a política não é apenas a disputa pelo poder, mas manifesta-se nas ações que os homens desenvolvem entre si, mesmo que essas ações não tenham um status claramente delimitado como pertencente ao universo das ações políticas. O estudo da política, nessa perspectiva, não é somente o estudo das ações que visam o poder, mas é também o estudo das relações sociais podendo se definir como elemento privilegiado no estudo da política a análise das relações pessoais no interior de diferentes espaços de sociabilidade.

As formulações de Rancière (1996) estabelecem que o campo da política é o espaço do dissenso e do conflito, o espaço da pergunta desconcertante que muda a ordem das coisas, estabelecendo um campo de disputas e conflitos na esfera pública da vida.

É isso que eu chamo de dissenso: não um conflito de pontos de vista nem mesmo um conflito pelo reconhecimento, mas um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos dos que nele falam para ser ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados. O dissenso não é a guerra de todos contra todos. Ele dá ensejo a situações de conflito ordenadas, a situações de discussão e de argumentação (p.374).

Tais concepções de política, que tomam a esfera pública da vida como o campo na qual ela se desenvolve, apontam para a possibilidade da ação política modelando e transformando o cenário no qual atuam os atores sociais. Visa-se, com essa perspectiva teórica, compreender as dimensões acionadas pelos atores em suas práticas e, nesse sentido, trabalha-se com uma noção de ação coletiva não normativa e que parte das manifestações e entendimentos do que é política expressa pelos próprios agentes da ação coletiva.

Seguindo Reguillo (2003) pode-se afirmar que

Alguns dos enfoques clássicos em torno da conceitualização da ação coletiva têm centrado prioritariamente seu olhar naquelas maneiras de participação formais, explícitas, orientadas e estáveis no tempo, com a consequente teorização que parece reconhecer só como cultura política aquelas representações e formas de ação formais e explícitas (REGUILLO, 2003: p.113).

No escopo dos debates sobre a ação coletiva a socialização política desponta como um componente importante para o desenvolvimento das culturas e práticas políticas de diferentes grupos. Enfatiza-se, quando se centra a análise nos processos de socialização política, como fora comentado anteriormente, o caráter de transmissão de disposições para a ação. Em contraponto a essa abordagem as análises de Melucci propõem que a ação coletiva “está estreitamente entrelaçada com a vida cotidiana e com a experiência individual” (2001, p. 28). Trata-se, segundo sua proposta, de se perceber as capacidades reflexivas dos atores em ação e em suas escolhas e orientações. Segundo o autor “A ação humana é um comportamento finalizado capaz de reflexividade, isto é, capaz de produzir a própria orientação e de reconhecê-la” (p. 49). Esta capacidade reflexiva é a própria experiência do processo de subjetivação no qual os indivíduos estão inseridos quando fazem e reconhecem determinadas ações como políticas.

Rancière (1998) afirma que a política apresenta efeitos de subjetivação no sentido de uma singularização do sujeito, mas não como uma individualidade à parte e sim como um processo que opera em relação a um outro. Pergunta o autor: “O que é um processo de subjetivação? É a formação de *um* que não é um *eu*, mas a relação de um *eu* à um outro” (p. 118).

Corroborando essa perspectiva Deleuze (1992) vai afirmar que

os processos de subjetivação nada têm a ver com a “a vida privada”, mas designam a operação pela qual indivíduos ou comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes (p. 217).

É através desse sentido conferido aos processos de subjetivação que procurarei discutir as opções políticas de jovens militantes das periferias da cidade de São Paulo. Tendo em vista essa referência acredito que se pode avançar na reflexão sobre as manifestações de jovens militantes sobre suas motivações para a ação e a constituição de subjetividades políticas.

Embora seja corrente, em especial no senso comum, a ideia de que a juventude é alheia à participação política e mesmo avessa ao mundo da política, pode-se observar que os diferentes segmentos juvenis têm sido enfatizados pelos estudiosos da política, da ação coletiva ou do militantismo, entre outros, como um importante ator político.

Determinadas características atribuídas à juventude levam a crer que este seja um período da vida no qual os sujeitos estão propícios ao questionamento e à mudança social. Tais características são: ser a juventude um período da vida no qual se goza certa moratória social² oriunda de uma posição de transição entre a infância e a idade adulta; um espaço de vida autônomo propiciado pela escolarização; certo prolongamento do tempo do não trabalho; ou ainda a definição de um modo de vida próprio e uma linguagem específica. Segundo Melucci (2001) essas características

(...) fazem da juventude um espelho de toda a sociedade, uma espécie de paradigma dos problemas cruciais dos sistemas complexos: tensão entre expansão das oportunidades de vida e controle difuso, entre possibilidades de diferenciação e definições externas de identidade (p.102).

Melucci aponta que a juventude pode sinalizar as transformações ou os anseios não completamente manifestos pela sociedade representada, sobretudo, pelas gerações adultas. A irrupção da juventude no cenário político traria a novidade, o sal da terra, por assim dizer. Os jovens se orientariam, segundo sua perspectiva, para a participação política junto aos novos movimentos sociais, sobretudo os identitários e ambientalistas configurando uma nova modalidade da luta política.

Juventude e política

No Brasil, os embates políticos do período que antecedeu ao regime autoritário que vigorou entre 1964 a 1985, bem como a participação de segmentos da juventude na luta contra a ditadura militar, ensejaram alguns trabalhos acadêmicos sobre o tema da juventude. Neste campo de estudos os trabalhos pioneiros de Marialice Foracchi (1972) apontam a predisposição dos jovens para o questionamento político. A autora afirma que esses por ocuparem um espaço privilegiado na sociedade estariam predispostos à indagação sobre os marcos que regulam a vida social. Seus estudos datados dos anos de 1970 marcaram época nas pesquisas sobre juventude no Brasil,

² Reconheço que para parte da juventude essa ideia de moratória pode se muito questionada, incidindo sobre ela diferentes marcadores sociais, sobretudo, o pertencimento às distintas classes sociais que facilitaríamos ou tornaríamos mais breve esse período. No entanto, para os objetivos desse texto eu a mantenho sem maiores questionamentos.

tornando-se referência obrigatória para aqueles que se debruçam sobre as relações entre juventude e política. Nos seus estudos Foracchi volta sua atenção sobre a juventude universitária, em especial o movimento estudantil, nesse sentido realça aspectos pertinentes a essa parcela dos jovens. Seria sobre essa parcela que, segundo a autora, incidiriam as crises do sistema das sociedades modernas. As revoltas estudantis seriam o sinal das crises que abalariam o mundo moderno e introduziriam novas modalidades de comportamento a partir dos questionamentos realizados por esse grupo. Nesse sentido, ao voltar o foco de sua atenção sobre os grupos estudantis, seus trabalhos abordam, também, a emergência das novas gerações no cenário social e político brasileiro de meados do século XX. Ao longo da segunda metade do século passado pode se dizer que o tema da juventude ganhou relevância nas ciências sociais brasileira motivando diversos trabalhos, sobretudo a partir dos anos 1990.

Nesse período destaca-se, no campo dos estudos sociológicos, a ação coletiva de segmentos da juventude voltados, sobretudo, para as práticas inspiradas no movimento hip hop. Sposito (1994) sinaliza a importância dessas manifestações enfatizando a centralidade da sociabilidade de rua na constituição de uma cultura juvenil em torno da música e da poesia, características centrais da cultura hip hop. Dentre os expoentes desse movimento cultural juvenil destaca-se o grupo de rap, Racionais MC. Enfatizando a emergência dos grupos de estilo juvenis, Dayrell (2005), aponta a importância da música – do rap e do funk - como um componente da socialização e das ações impetradas pelos grupos juvenis. Esses trabalhos permitem antever a centralidade dos grupos de estilo na constituição da ação coletiva dos jovens, em especial daqueles oriundos dos segmentos pauperizados e, em geral, moradores das periferias das principais cidades brasileiras. Nesses anos as questões relacionadas ao universo propriamente político parecem ficar em um segundo plano no campo de estudos acerca da juventude. Provavelmente devido à percepção das ciências sociais do refluxo generalizado dos movimentos sociais e da participação política.

O estado da arte sobre os estudos que abordam a juventude na pós-graduação brasileira, coordenado por Sposito (2009), possibilitou uma visão sobre o conjunto da produção discente - teses e dissertações - acerca desse tema no Brasil. Em seu capítulo sobre jovens em interface com a política o levantamento aponta que os trabalhos discentes apresentam o maior número de estudos discutindo cultura política, socialização política e capital social. Nesse grupo de trabalhos a preocupação de um número

expressivo de estudos é “qual é a cultura política dos jovens no contexto atual e qual o papel das instituições socializadoras (escola, família, religião e meios de comunicação) na formação desta cultura, e no desenvolvimento do capital social dos jovens...” (p. 188). Outro elemento que perpassa os trabalhos é a condição de estudantes dos jovens pesquisados e mais particularmente estudantes do ensino médio. A ênfase nessa característica talvez se dê pela compreensão de que a escola faz a juventude ao permitir o convívio entre pares, premissa desenvolvida por Coleman (1961) nos primórdios do desenvolvimento dos estudos sobre a juventude no campo da sociologia. Em certa medida, mesmo agregando outros elementos de análise, é consensual na sociologia da juventude o papel exercido pela escola e sua universalização na constituição da juventude contemporânea³. Outro ponto importante nos estudos sobre juventude e política, demonstrado pelo estado da arte, é a utilização de metodologia quantitativa de tipo de *survey* (p. 189/0), apontando para a predominância de investigações de larga escala.

O levantamento demonstra que os trabalhos, de modo geral, discutem a política a partir das matrizes e referenciais das instituições socializadoras. Os trabalhos apontam *que os jovens não estão satisfeitos com várias das dimensões da sociedade, que sentem a necessidade de mudanças, acreditam na importância da participação e têm predisposição em participar* (p.191). Outro grupo de trabalhos afirma que *a cultura política dos jovens é condizente com a cultura política prevalecente no Brasil* (p.192). Assim predominam nas abordagens encontradas pelo levantamento a percepção de “um esforço de socialização das instituições sobre os jovens que redundam em posicionamentos politizados, interessados, críticos e comprometidos” (idem) com o universo da política. Pode se afirmar que para o conjunto dos trabalhos reunidos no levantamento ocorre certa prevalência das agências socializadoras sobre os indivíduos no concernente às escolhas e posições políticas.

Em um trabalho voltado exclusivamente para discutir as relações que os jovens estabelecem com o mundo da política Reguillo (2012) vai demonstrar que as formas institucionalizadas da política – o Estado e os partidos políticos - não são capazes de criar matizes discursivos que possam dialogar com os jovens. A autora aponta que para os jovens “a construção política passa por outros eixos: o desejo, a emotividade, a

³ Compreendo que no Brasil, e, sobretudo para os jovens das camadas populares, o ingresso no mundo do trabalho é um elemento importante para a vivência da juventude. Não me ateno a essa questão pelo fato de não ser esse o objetivo desse texto. Para aprofundamento sobre o tema ver: Carrochano, 2012.

experiência de um tempo circular, o privilégio dos significantes sobre os significados, as práticas arraigadas no âmbito local que se alimentam incessantemente de elementos da cultura globalizada” (2012, p. 109). Nesse mesmo sentido pode-se afirmar que as instituições características da política não têm apenas dificuldades para lidar com as inquietações dos jovens, mas tem seu *modus operandi* baseado em uma relação conflituosa com os anseios e desejos juvenis.

É mais uma vez Melucci (2001) quem aponta a questão.

Os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-nacionais, pacifistas não têm somente colocado em cena atores conflituais, formas de ação e problemas estranhos à tradição de lutas do capitalismo industrial; eles têm colocado, também, no primeiro plano, a inadequação das formas tradicionais de representação política para colher de maneira eficaz as questões emergentes, (p.95).

Não surpreende a partir dessas afirmações a percepção do senso comum de que os jovens estejam apartados da política. No entanto uma visada sobre as manifestações e práticas políticas a partir de uma perspectiva de perto e de dentro (Magnani, 2002) pode possibilitar compreensão das motivações ou da ausência de estímulo dos jovens para a política, mas, também, sua maneira de significar a ação política e a vida associativa. Dentro dessa perspectiva me parece importante compreender como os jovens se relacionam com as instituições políticas, mas não apenas com o foco a partir do papel das instituições socializadoras e sim a partir do olhar dos jovens sobre a política. Compreendendo-se a política não apenas como as relações que se dão no âmbito do Estado, mas como o conjunto de relações sociais que os jovens estabelecem entre os pares, as gerações mais velha e outros segmentos sociais que atuam nos diferentes espaços que constituem o campo da política. Quais são suas definições para a política? Como a praticam? Os jovens buscam aprender com os velhos –políticos ou militantes – as condições e possibilidades da ação coletiva? Ou são de fato avessos ao universo da política?

Compreender como os jovens se apropriam dos elementos que constituem o universo da política – sejam elementos do presente ou da memória das lutas políticas parece ser uma perspectiva promissora para entender suas motivações para a ação. Ao mesmo tempo me parece que abordar essa questão desde um recorte geracional pode ser

produtivo para a compreensão das motivações juvenis com vista à participação na vida associativa.

No marco dos estudos geracionais as contribuições de Mannheim (1993) são fundamentais para se pensar o fenômeno geracional. O autor deslinda a questão das gerações estabelecendo diferentes segmentações e distintos grupos geracionais. Para os propósitos desse texto a noção da *contemporaneidade dos não contemporâneos*, é a mais importante. Essa noção implica em compreender o mundo como partilhado por diferentes grupos de idade. Partilha que implica em trocas de experiências geracionais redundando em uma *estratificação da experiência*. Esta se estabelece em função do compartilhamento no presente de diferentes momentos históricos pelos diferentes grupos geracionais.

Nesse sentido busco pensar a ação coletiva dos militantes dos espaços associativos a partir da perspectiva preconizada por Bhabha (1998), segundo a qual:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singulares e coletivas - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade (p. 20).

Essa posição teórica possibilita compreender o presente como um momento no qual se estabelecem relações diacrônicas; não apenas de ligação com o passado ou construção de um futuro, mas como uma presença imediata de relações que se constituem definindo a sociedade. Desse modo se articula com a ideia da contemporaneidade dos não contemporâneos como fenômeno geracional.

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa auto presença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (Idem, p. 23)

Relacionando esses postulados tendo como problema compreender a ação coletiva das diferentes gerações e as possibilidades de transmissão de suas respectivas experiências, acredito que possa ser proveitoso utilizar a metáfora do “relógio de areia”

(ampulheta) proposta por Feixa (1998) como um recurso para perceber as dinâmicas das relações intergeracionais.

A metáfora do relógio de areia permite pensar as manifestações culturais juvenis relacionadas às ações e práticas políticas de outros grupos de idade e geracionais. Nesse sentido a imagem permite pensar as relações entre a cultura hegemônica, inclusive as parentais, com as culturas juvenis. Permitindo, ainda, visualizar a ideia de relações intergeracionais como um fenômeno dinâmico, tornando o quadro mais complexo perdendo uma possível, e às vezes recorrente, característica unidirecional de transmissão das velhas para as novas gerações. O relógio de areia expressa o movimento de se reverter ao findar a passagem da areia para o lado de baixo.

IMAGEM 1: Culturas Juvenis: O relógio de areia.



Assim tendo como referencia a cultura hegemônica e parental na parte superior e as manifestações culturais e juvenis na base inferior essas se misturam e trocam de posição no movimento reverso de se iniciar a contagem do tempo pela ampulheta. Embora o autor apresente a imagem do relógio de areia como uma metáfora me parece que ela tem certa força heurística por permitir visualizar, dentro da perspectiva de uma metáfora, as possíveis relações que se estabelecem entre as diferentes gerações e

as possibilidades de transmutação cultural promovida pela ação dos grupos geracionais jovens.

Socialidade política

Na tensão entre as estruturas e instituições sociais responsáveis pelos processos de socialização e as formas de apropriação individual dos elementos que compõem a vida social e a possibilidade da ação reflexiva dos sujeitos se encontra a chave para a compreensão da ação coletiva dos grupos juvenis. Entendo que há, nesse sentido, algumas dimensões da ordem da subjetivação que comportam espaços para a agência dos sujeitos que vem atuando nos espaços associativos instituindo dinâmicas que estão além dos aspectos abarcados pela categoria de socialização política, recorrente nos estudos que abordam o militantismo e a ação coletiva com foco sobre os grupos geracionais⁴. Embora sejam pesquisas importantes para a discussão das práticas políticas dos grupos juvenis a ênfase na transmissão de disposições políticas não permite captar os processos de agenciamento dos indivíduos pertencentes aos segmentos juvenis em suas escolhas pela militância seja dentro de entidades tradicionais com caráter politicamente formais ou em grupos com características informais, diluídas e horizontalizada tais como as que despontaram no cenário social brasileiro nos últimos meses e que ganharam grande visibilidade a partir das manifestações de junho de 2013.

A pesquisa etnográfica que venho realizando nas periferias da cidade de São Paulo permite afirmar que por vezes são os representantes das novas gerações que acionam componentes das lutas políticas do passado sejam relativos à memória das velhas gerações sobre a ação política relacionados aos saberes acumulados nos anos de disputas política no território para configurar uma dimensão que lhes confere alguma noção de pertencimento à história política da região ou ainda para a constituição da legitimidade de sua própria ação. Portanto, não é algo que está apenas na ordem das transmissões geracionais das velhas para as novas gerações, mas encontra-se como parte constitutiva da história social da região sendo acionada pelos novos grupos de atores de acordo com as suas necessidades e anseios políticos.

⁴Refiro-me particularmente aos trabalhos de Tomizaki, 2007, Wilson, 2010. entre outros.

Esta afirmação pode ser comprovada, por exemplo, na relação estabelecida entre Paulo um jovem militante dos movimentos sociais da zona sul da cidade de São Paulo e sua tia. Paulo atua em alguns movimentos sociais e frequenta, também, diferentes saraus da região⁵ sendo o mestre de cerimônias do Sarau da Vila Conceição⁶. Em um dos saraus sua tia Aparecida pede a palavra e faz um pronunciamento sobre a importância das lutas das mulheres na região. Participante dos movimentos populares dos anos 1970, Aparecida mudara para ao Ceará e era a primeira vez que visitava a família depois de muitos anos. Enquanto sua tia falava Paulo me disse apontando para ela: "Viu porque eu sou assim? É por causa disso. Porque vem de uma história que é maior do que a gente que tá aqui, agora. Mesmo que eu não a veja, mesmo que eu não tenha participado disso tudo, quando eu vejo alguém falar da luta eu sei que tem a ver comigo⁷".

Embora possa parecer à primeira vista que seja a experiência social da tia o elemento que aciona o ímpeto militante de Paulo pode-se perceber que é ele que se apropria do depoimento da tia e o instaura em uma linha de continuidade com a história de lutas do bairro relacionando-a à sua própria história. A experiência de participação nas lutas populares narrada pela tia entra na composição do conjunto de elementos que o próprio sujeito julga ser sua herança política. Ao se apropriar de alguns elementos da história de lutas do bairro Paulo constrói e intenta legitimar sua ação política e cultural na região sem que para isso tenha havido um processo formal ou intencional de educação política. É a partir da legitimação daquilo que para ele é politicamente relevante que ele constrói, por assim dizer, um discurso da herança para a qual não se evidencia um papel decisivo e proeminente para a tia distante.

No mesmo sentido Felipe outro jovem militante da região afirma em relação à associação na qual escolheu militar: "Eu decidi militar aqui porque aqui é o lugar que eu vejo mais história de luta. Foi por isso que eu escolhi aqui e não outro lugar. Tem muitos espaços por aí, mas é aqui que eu acho mais interessante para eu militar". Nessa manifestação pode-se perceber a presença dos mesmos elementos. A história na qual o jovem busca as referências políticas e o elemento de decisão de militar nessa associação

⁵Nos últimos anos vem ocorrendo uma profusão de saraus nas periferias paulistanas. Para uma aproximação com o tema ver Bin (2009) e Nascimento (2010) entre outros.

⁶O Sarau da Vila Conceição é um dos espaços associativos nos quais fiz pesquisa etnográfica entre os anos 2009 e 2013.

⁷Informação reconstituída em caderno de campo.

e não em outra que tem por centralidade o sujeito da ação. O papel da escolha pessoal é central na justificativa para a militância na associação.

Felipe, no entanto, compreende que há outros elementos a serem observados. “Eu não posso chegar aqui dizendo o que tem que ser feito. Eu tenho minha ideologia, mas eles já estão fazendo as coisas há muito tempo. Mesmo tendo minhas ideias eu acho que posso aprender muito com eles apesar de às vezes eu perceber umas coisas que eu acho muito anacrônicas na forma deles levarem a luta. Com o tempo eu vou colocando o que eu penso de maneira mais clara”. Felipe deixa claro que tem uma ideologia que antecede sua opção pela associação. Inclusive vê na associação algumas características “anacrônicas na forma deles levarem a luta”. Através de um cálculo político ele espera o momento oportuno para agir na associação que escolhera militar.

Não aparecem nessas manifestações juvenis elementos que confirmem a existência de um processo intencional de transmissão geracional ou de socialização política das velhas gerações sobre as jovens. Pode-se dizer que em algum momento da vida desses jovens eles se transformam em militantes estabelecendo diferentes relações com os elementos da tradição e aqueles que serão fruto de suas ações coletivas⁸. Isso não implica em afirmar que eles façam uma escolha racional ao estilo da teoria da *rational choice*, mas que pelas suas experiências eles acionam mecanismos dispersos no tecido social que os levam à ação política.

Meu irmão foi assassinado aqui no bairro por uma besteira. Ai eu mudei do bairro. Mudei para não morrer também. Mas isso foi me incomodando e uns anos depois eu voltei. Quando eu voltei pra cá, eu já tinha ganhado uma experiência de militância com a minha ex-mulher. Eu acho que foi isso. Foi essa história que eu tive e a vontade de contribuir com a quebrada. Pra melhorar a quebrada e não ver mais acontecer com outros moleques o que aconteceu com meu irmão e quase aconteceu comigo⁹(Paulo, 29 anos militante do movimento por moradia e ativista cultural).

De outro lado, há manifestações que pontuam o papel das velhas gerações na constituição de uma "perspectiva militante" de atuação política. O que equivale dizer que mesmo centrando-se em suas escolhas os jovens militantes buscam referências na experiência das velhas gerações como se pode observar na seguinte fala: “A gente pode

⁸ Pudal (in; Tomizaki, 2009) demonstra que para muitos militantes a militância representa um novo nascimento.

⁹ Trecho retirado de entrevista.

aprender em qualquer lugar. Eu aprendo todo dia com a Dona Benedita, com a Dona Maria. Por que a gente aprende coisas na *luta* e coisas que são da *luta*. A gente aprende e ensina também porque é isso que vai ajudar a gente se libertar” (Marcelo).

Marcelo aciona, também, as gerações mais velhas como constituintes do momento presente de lutas populares por aparecerem, aos seus olhos, como um grupo que guarda a memória das lutas que se desenvolveram na região.

A gente quer os idosos pra somar com a gente na luta. Não é só pra esse negocio de ficar na associação fazendo tricô, esses encontros e tal. E claro que isso é importante pra elas, mas é importante também a gente ter elas na luta porque elas impõem respeito. Têm umas aí que participaram de tudo que é movimento na quebrada, elas sabem de tudo que aconteceu.

No depoimento desse rapaz pode-se perceber o acionamento do termo *luta* como um elemento de ligação entre as gerações, pois é na *luta* que os encontros geracionais têm seu lugar. Se na associação ele aprende coisas para a *luta*, ele também ensina outras pessoas porque é nessa relação entre as velhas e novas gerações que "a gente vai se libertar".

Antônio, outro jovem que atua na associação diz:

Muito do que eu aprendi foi na luta. E ate mesmo na rua eu aprendi muitas coisas. Claro que teve a escola também, mas é essa escola que a gente sabe qual é. Que é uma escola que não educa a gente praquilo que a gente quer e praquilo que a gente precisa. Mas sempre tem um professor ou outro que vem com umas ideias e que abre a mente da gente. Claro em todo lugar tem isso. Mas foi depois que eu aprendi mesmo. Eu fui gostar de ler foi encontrando meus camaradas. Quando eu conheci o Márcio e comecei a ir ao sarau foi que eu fui me ligando. Eu acho que eu devo muito ao sarau e ao Márcio. Ele, como é mais velho, fez a minha cabeça. Porque ele é um cara que tá ligado em várias coisas que não tinha aqui na quebrada. Eu acho que foi graças a essas ideias que começou a mudar a quebrada. Que o pessoal se ligou que tinha que batalhar pelas coisas da quebrada. Eu mesmo comecei participar de todo esse movimento porque eu encontrei esse pessoal que já tava fazendo as coisas” (Mauro, 26 anos, ativista cultural).

O depoimento de Mauro aponta claramente para uma relação do tipo figurativa (MEAD, 1997) uma vez que a diferença de idades entre ele e Márcio é de apenas alguns anos. Portanto eles não são membros de grupos geracionais distintos. É no interior do mesmo grupo geracional que os dois constituem relações de troca de

experiências sociais e criam as condições de possibilidade para a ação coletiva. Seria possível, a partir do exposto, pensar as manifestações que, principalmente no mês de junho de 2013, tomaram as ruas das principais cidades do Brasil¹⁰?

Parece-me que é possível estabelecer algumas conexões entre as manifestações políticas de junho e as culturas juvenis. No entanto isso não é o suficiente para compreender o fenômeno e nem é o objetivo do pequeno comentário que introduzo nesse texto. Alguns pesquisadores ensaiaram suas interpretações para as manifestações sem chegarem a avaliações definitivas, por exemplo: Nobre (2013). Sem pretender ensaiar uma explicação definitiva, eu desejo, nesse momento, estabelecer alguma relação entre a irrupção das manifestações de junho de 2013 e as práticas políticas dos jovens militantes das periferias da cidade de São Paulo.

Observou-se, no início deste artigo, que há uma percepção de senso comum segundo a qual os jovens são alheios à política. No entanto, parece que se evidenciou com as manifestações de junho que esse alheamento é em relação às práticas políticas que vêm dominando a cultura política brasileira há anos. Extremamente críticos em relação à cultura política corrente os jovens que foram às ruas exercitaram um modo de ação típico das novas gerações. Organizando-se através das redes sociais e sem um comando centralizado o movimento teve, em vários momentos, um deslocamento errático pela cidade no qual diferentes agrupamentos tomavam direções distintas do previamente imaginado. A agenda de reivindicações também expressava um conjunto de aspirações, mas, sobretudo, certa impaciência com os rumos do país e as más condições dos serviços públicos.

Apontaram para a sociedade a saturação de um modelo e de uma cultura política que não corresponde aos anseios de toda a sociedade, exigindo transformações. O aparente alheamento dos jovens em relação à política em realidade sempre foi um comportamento político como já observara Becker (1999). *Os jovens praticam uma denegação da política altamente política*, afirmara o autor.

Durante a pesquisa etnográfica nas associações que acompanho em minha pesquisa eu pude observar esse propalado alheamento da política por parte dos jovens

¹⁰ As manifestações de junho tiveram como estopim a convocação de um ato contra o aumento da tarifa de ônibus em vinte centavos. Convocada pelo Movimento Passe Livre MPL as manifestações cresceram em participação de maneira totalmente inesperada. Principalmente após a ação extremamente violenta da polícia militar de São Paulo sobre os participantes da segunda manifestação.

militantes. O paradoxal é que esses ambientes sempre foram espaços politizados, nos quais se desenvolvem ações e encontros e reuniões voltados para a prática da política.

Em uma dessas reuniões organizada pela diretoria da associação e cujo objetivo era conquistar apoios para uma candidata a vereadora nas eleições municipais de 2012, um jovem disse o seguinte à postulante ao cargo político: “Eu não posso lhe apoiar porque nada me garante que quando você for eleita você não vai fazer aliança com um Maluf da vida ou até coisa pior. A minha contribuição política é aqui na associação, é aqui na luta. É esse meu compromisso e onde eu quero me comprometer”. Evidentemente a candidata ficou em uma saia justíssima, pois nada disso constava do *script* montado para sua passagem pela associação. Ela ainda tentou argumentar sobre a importância da participação política, mas falava em um registro diferente ao que os jovens militantes da associação para os quais a “política desses caras está marcada pelos acordos, conchavos e traições ao eleitor”, segundo afirmou outro rapaz participante da reunião.

A percepção da política em diferentes registros é o que torna surpreendente e incompreensível para a maioria das lideranças partidárias a irrupção das manifestações, pois aqueles que se movimentam dentro da política tradicional só reconhecem a política nas instituições seja o Estado e suas diferentes instâncias ou os partidos políticos e sindicatos, por exemplo. A prova dessa incompreensão pode ser observada nas diferentes manifestações televisionadas de líderes partidários pedindo para que os jovens não desistam da política. Como se as manifestações juvenis fossem um fenômeno de outra ordem, menos um ato de participação e reivindicação política. Demonstração da relação apartada desses líderes, partidos e instituições políticas em relação à juventude e suas demandas, e, ao mesmo tempo, de suas preocupações sociais e formas de fazer política. Formas que vêm sinalizando o desejo de uma nova cultura política. Daí as manifestações expressarem em alguns momentos uma contrariedade indiscriminada em relação aos partidos independentemente da coloração ideológica.

Resumidamente pode-se afirmar que os jovens que tomaram as ruas nas manifestações de junho levaram as mais variadas reivindicações, mas expressaram, sobretudo, uma imensa insatisfação com o quadro político institucional. Fato que já se apresentava nas reuniões que eu acompanhei ao longo dos últimos anos nas associações de moradores das periferias paulistanas. Vale lembrar que concomitante às manifestações de junho e mesmo anteriormente aos grandes atos os jovens das periferias estavam

participando em diferentes movimentos sociais e políticos. Fato que pode ser ilustrado pela intensa mobilização em torno de temas relacionados ao universo da produção cultural, mas, também, por mobilizações difusas e cotidianas de seus moradores.

As manifestações de junho e outras que se seguiram tiveram um componente performático característico dos grupos de estilo juvenis (FEIXA, 1998). Daí advém parte considerável de sua originalidade e o caráter muitas vezes inusitado das manifestações estampadas nos cartazes artesanais confeccionados no calor da hora. Apelos circunscritos, em geral, ao universo de seus grupos os estilos juvenis, naquele momento se politizaram no sentido de tomar a esfera pública, inserindo na agenda política demandas e comportamentos circunscritos, na aparência, a outro tempo e lugar.

Afirmar que as manifestações contaram com as características e formas de ação dos grupos de estilo juvenis, não implica compreender que as práticas políticas dos jovens e as manifestações de junho sejam simplesmente *éclairs*, aparições performáticas na cena pública com tendência a serem esquecidas e a desaparecer. Mesmo algumas manifestações pontuais e extremadas como as dos black blocs, por exemplo, carregam em si reivindicações e atenção perene desses grupos juvenis sobre a cultura e as práticas políticas institucionais.

A pesquisa etnográfica que venho desenvolvendo nas periferias da cidade de São Paulo vem demonstrando que os jovens estabelecem como marcadores para sua prática política tanto as dimensões locais como as globais. No âmbito local as relações entre as gerações no campo da ação política são muitas vezes referenciados e legitimados através de uma relação de apropriação do histórico de lutas das velhas gerações. Essas relações não excluem automaticamente a disputa e o conflito por posições, recursos e prestígio. Porém, diferentemente da relação com as velhas gerações da política institucional, no âmbito local os jovens se mostram tributários do histórico de lutas populares. Por outro lado, em relação às velhas gerações da política institucional a posição é de ruptura. Mesmo quando o político está no mesmo campo ideológico como se pode observar no excerto do diálogo exposto acima.

Observando-se o grupo de jovens militantes que acompanhei em minha pesquisa percebe-se uma nova relação com os espaços da cidade que contribui para sua forma de pensar a ação coletiva e se inserir no universo da política. As novas gerações de militantes apresentam uma capacidade de circulação cidadina que extrapola os circuitos e trajetos circunscritos pelo bairro e desse modo seus modos de vida e ação podem ser

resignificados. Essa capacidade de transitar por diferentes espaços, alguns ligados ao terceiro setor, outros à cultura e lazer, abre um campo de possibilidades de significação da vida na cidade e contribui para a proposição de novas formas de ação coletiva. Do mesmo modo a ampliação dos espaços de sociabilidade propiciada pela circulação pela cidade promove toda uma inventividade política, observável nos diferentes tipos de ação desses jovens. Essa capacidade de criação de práticas políticas pode ser percebida na organização de um banco comunitário na Associação Mulheres na Luta, na produção e no fomento de atividades culturais, mas, também, na participação desses jovens nos movimentos sociais que adentraram a cena política recente como o Movimento Passe Livre, o movimento contra a realização da Copa do Mundo no Brasil e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST. Desse modo, ao mesmo tempo em que a ação coletiva desses jovens é favorecida pela circulação por diferentes espaços, ela também extrapola os limites do bairro, levando-os a exercer sua ação política na cidade.

Ao encerrar minha pesquisa eu pude observar novos atores políticos no espaço público que ganharam maior visibilidade, sobretudo, a partir das manifestações de junho de 2013. Embora elas não tenham sido inteiramente compreendidas, é previsível que essas manifestações não surgiram apenas a partir de uma vontade espontânea dos sujeitos. Ao acompanhar os jovens pelos espaços associativos das periferias pude constatar o momento de latência dessa mobilização. Em uma reunião na Sociedade São José Operário¹¹, uma jovem militante ligada aos coletivos culturais e grupos feministas se contrapôs ao bordão “o gigante acordou”, veiculado por alguns grupos e, em especial, pela imprensa, afirmando: “Se o gigante acordou¹² como estão dizendo, nós da quebrada nunca dormimos. A gente tá lutando desde sempre. Se você prestar atenção vai ver que aqui na quebrada a gente faz política a toda hora”.

Melucci (2001) estabeleceu dois momentos vividos pelos movimentos sociais que se inter-relacionam durante as dinâmicas de desenvolvimento da ação coletiva. Segundo o autor:

Latência e visibilidade são duas condições permanentes dos movimentos e que passam continuamente de uma à outra. Nesta passagem, alguns atores desaparecem, outros se formam, consolidam-se

¹¹ Esta associação remonta às lutas populares dos anos 1970, sendo tributária do histórico de organização popular originado pelas Comunidades Eclesiais de Base.

¹² Janice se refere ao bordão “O gigante acordou”, entoado pelos manifestantes e veiculado pela grande mídia durante a cobertura das manifestações.

processos de institucionalização e de modernização, mas nascem também novos problemas e se revelam novos espaços de conflitos. A forma cultural dos movimentos abre o problema crucial da relação com os sistemas políticos, e coloca, em primeiro plano, o questionamento sobre formas de representação e de organização adequadas aos novos atores (2001, p. 123).

Em minha pesquisa ao acompanhar a vida associativa nas periferias eu vivenciei, junto com meus interlocutores, a condição de latência desses movimentos, o momento em que as relações políticas se desenvolvem criando as condições de possibilidade para a emergência desses grupos na cena pública. Essa condição de visibilidade dos grupos e movimentos extrapolou meu tempo de pesquisa, mas abriu a perspectiva de novos estudos.

Bruno, um jovem militante ligado aos movimentos por moradia, proferiu, quando foi entrevistado, a frase que intitula este artigo. A expressão “a gente tá bombando nas quebradas” sinaliza uma experiência política que se espalha pelo território da cidade, especialmente por suas periferias, compreendidas e significadas pelos jovens militantes por quebrada. Termo que denota outra compreensão do espaço periférico, marcado por um forte pertencimento ao local, mas não circunscrito à localidade. Esses jovens se distinguem por sua ampliada rede de relações políticas e sociais e pelo consumo da cidade.

De todo modo, mesmo acompanhando um momento de latência no qual a ação se desenvolvia nos interstícios da vida social, evidenciou-se que a política, sobretudo para os grupos de jovens militantes, não é uma ação circunscrita apenas aos espaços formais e institucionais de participação. A política compreendida segundo as acepções das camadas populares, e dos jovens em particular, é uma atividade que transborda tempos e espaços. Quando se observa a vida associativa e as práticas políticas desenvolvidas pelas novas gerações de militantes das periferias, percebe-se que a ação impetrada no território apresenta características nômades, práticas que se espalham como rizomas marcados pela fluidez e imprevisibilidade.

De Certeau (2011) demonstra o caráter de criação dessas manifestações e com isso se pode pensar juntamente com Bhabha (2005) a constituição de grupos e a manutenção da vida associativa não apenas como integração no espaço global da política - o espaço da visibilidade - em oposição a uma dimensão local, mas, ao contrário, esses grupos e espaços locais são o próprio lugar da enunciação de um personagem e de

constituição de um ator político social. No campo das relações intersubjetivas e, portanto, da socialidade, são urdidas suas identidades políticas, por vezes fluídas, compósitas e ambivalentes. A ação coletiva desses grupos se desenvolve por meio de formas de luta política que muitas vezes podem parecer contraditórias sem tirar-lhes, no entanto, o papel de embate pela hegemonia política. Vale observar que a vida associativa nas periferias da cidade não se encontra em uma relação diacrônica, com sentido de ruptura, com o passado das lutas populares, como se a ação coletiva fosse realizada em ambientes sociais incomunicáveis. Tampouco está apenas em linha de continuidade repondo permanências e formas tradicionais de atuação política. As ações desenvolvidas pelos jovens militantes apontam para uma configuração na qual encontramos os dois movimentos sendo realizados sincronicamente no tempo presente por meio da ação coletiva e da promoção de relações de interação entre as diferentes gerações.

No conjunto de manifestações observado nas associações emergem interações envolvendo as diferentes gerações nas práticas políticas e culturais que se processam através de ações de cooperação, solidariedade, conflito e concorrência¹³. Compreende-se, portanto, que as relações entre as gerações no interior das associações não se processam, como pensa o senso comum, apenas como a externalização de um “conflito entre as gerações”, mas, também, não se pode afirmar que as relações intergeracionais se desenvolvam apenas em uma linha de transmissão das velhas gerações para as novas.

No cotidiano das associações populares a formulação de ações se dá pelo encontro entre diferentes gerações com perspectivas estratificadas em torno das diferentes experiências. Há a geração tributária das lutas populares por melhorias urbanas e as atuais que convivem, em boa parte do território, em uma periferia consolidada, cujas demandas se constituem pelas conquistas no campo da cultura.

Dona Ana, uma senhora de setenta e dois anos e presidente da Associação Mulheres na Luta, comenta que:

esse pessoal mais novo precisa se inteirar mais das coisas. Eles precisam saber da história de luta do povo daqui e de outros lugares porque hoje eles são todos meio avoados só nesse negócio de facebook, essas coisas de internet. E por isso que a gente sempre lembra; a gente

¹³ Attias-Donfut (1995; 1996) observou processos de solidariedade intergeracional no interior de grupos familiares.

sempre fala da nossa luta. Da nossa história que é para eles saberem o quanto já se lutou e ainda tem que se lutar para conseguir as coisas.

Em virtude das preocupações dos militantes das velhas gerações, nas reuniões dessa associação, mas, também, em outras que mantém certa perenidade de sua ação, é constante o apelo à memória do grupo estabelecendo-se nas apresentações, festas e avaliações de atividades um tempo para rememorar o histórico dos movimentos nos quais eles participaram, e, em geral, busca-se articular as lutas do passado com as demandas do presente. Há, recorrentemente, alusões ao período ditatorial e ao envolvimento da associação nos clubes de mães, movimentos de mulheres por creche e no movimento contra o custo de vida.

Por outro lado os militantes pertencentes aos novos grupos geracionais compreendem a importância desse histórico de lutas, apropriando-se daqueles elementos que lhes parece favoráveis à ação impetrada atualmente na região.

A gente sabe que já existia um núcleo forte de atuação desde muito tempo. Isso é um negócio que a gente sempre debate. A gente não está começando nada do zero. Então a questão é como dar continuidade a essas lutas e a essas ações. Não vai ser fazendo as mesmas coisas que já foram feitas porque o bairro mudou muito. E mudou por causa da luta. A gente tem as lutas mais velhas, mas também têm novas lutas e aí isso se dá na prática da luta política que a gente vem desenvolvendo. (Antônio, 29 anos, militante da Associação Mulheres na Luta e de movimentos culturais).

Percebe-se a partir desse depoimento a articulação dos elementos de uma “tradição” de lutas da região através de uma lógica de acoplamento (HALL, 2006) desenvolvida à medida das exigências oriundas da ação coletiva impetrada pelas novas gerações. Nessa esfera de relações as ações desenvolvidas pelas velhas gerações são apontadas como uma referência política para a constituição no presente da ação coletiva dos jovens.

Eu aprendo pra caramba com a Dona Ana, a Dona Tereza, mesmo com a Júlia que é mais nova do que elas. Porque elas sabem de um monte de coisas do Jardim Marajoara. Eu nem tinha nascido e elas já estavam lutando pelo bairro. Então é lógico que conhecendo a luta delas a gente consegue melhorar a nossa. Pelo menos não cometer os mesmos erros. Se é que elas erraram (Márcia, 25 anos, militante da Associação Mulheres na Luta e de um coletivo cultural).

Pode-se deduzir dessa manifestação que as referências às lutas do passado no sentido da constituição de uma “tradição” de lutas populares não está referida apenas ao passado e seus agentes. Embora o depoimento aponte a importância das velhas gerações como possíveis transmissores de uma memória das práticas políticas. Ela se desenvolve, também, pela ação das novas gerações que mobilizam uma esfera discursiva acerca da ação coletiva com vistas a legitimar o ator que ingressa no universo associativo no presente. Trata-se, portanto, de uma “tradição” que se atualiza pela ação dos atores. Nas palavras de Bhabha (2005)

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’ (p. 21).

Desse modo pode-se observar que o que está em jogo nas relações políticas das diferentes gerações de militantes são perspectivas e motivações diversas para a mobilização e participação nos espaços associativos. No amplo universo da política, em distintos momentos e temporalidades, essas diferentes gerações se encontram nas tramas nas quais se entrelaçam as dinâmicas políticas, sociais, culturais e os saberes acumulados nas lutas presentes e passadas das camadas populares.

BIBLIOGRAFIA:

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Les double circuit des transmissions*. In: _____ (Org.).

Les solidarités entre générations. Paris: Nathan, 1995. p. 41-81.

_____. *Solidarités et entraides entre générations*. In: SINGLY, François de et al. (Dir.).

La famille en questions: État de la recherche. Paris: Syros, 1996. p. 167-178.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed; UFMG, 2005.

BECK, Ulrich. *Hijos de la libertad*. Buenos Aires : FCE, 1999.

BIN, Marco Antonio. *As redes de escritura nas periferias de São Paulo: a palavra como manifestação de cidadania*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

BRENNER, Ana Karina. *Militância de jovens em partidos políticos : um estudo de caso entre universitários*. São Paulo. FEUSP, Tese de Doutorado: 2011.

BHABHA, Homi. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é mais que uma palavra*. In. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112 – 121, 1980.

_____. *Efeito de lugar*. In. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 159-166.

_____. *Habitus de classe e opiniões políticas*. In. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 410-433.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2011.

COLEMAN, James. *The Adolescent Society. The social life of the teenager and its impact on education*. New York: Free Press of Glencoe, 1961.

CORROCHANO, Maria Carla. *O trabalho e sua ausência narrativas juvenis na metrópole*. São Paulo: Annablume, 2012.

DAGNINO, A. *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribos: antropología de la juventude*. Barcelona: Ariel, 1998.

FORACCHI, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Hucitec, 1972.

GOHN, Maria. Glória. *A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo*. São Paulo, Vozes, 1985.

GOLDMAN, Marcio. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KOWARICK, Lucio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

- MEAD, Margareth. *Cultura y compromiso: Estudio sobre la ruptura generacional*. Barcelona: Gedisa, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17 n° 49, 2002.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-69092002000200002>
- MANNHEIM, Karl *El problema de las generaciones*. *Revisit Reis*, 1993, n° 62.
- MARCUS, George. *Ethnography in/of the world system: the emergence of multi sited ethnography*. *Annual Review of anthropology*, Palo Alto, Califórnia, v. 24, 1995 pp.95-117.
- MEAD, Margareth. *Cultura y compromiso. Estudio sobre la ruptura generacional*. Barcelona: Gedisa, 1997 [1970]
- MELUCCI, Alberto *O jogo do eu*. São Leopoldo, RS: Editorial, 2004.
- _____. *A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha. “E tudo nosso”! Produção cultural na periferia paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, 2010.
- NOBRE, Marcos. *Choque de democracia: Razões da revolta*. Livro eletrônico. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- RANCIÈRI, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34. 1996.
- REGUILLO, Rossana. *Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión*. In.: Revista Brasileira de Educação pp. 103/118. São Paulo, n°23, 2003.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro, Paz e Terra , 1988.
- SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. São Paulo: Tempo Social, Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1994.
- SPOSITO, Marília Pontes. (coord.) *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Vol. 02. Belo Horizonte, Argumentum, 2009.
- _____. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 2010.
- TOMIZAKI, Kimi. *Ser metalúrgico no ABC: rupturas e continuidades nas relações intergeracionais da classe trabalhadora*. Campinas, CMU publicações, 2007.
- _____. *Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista com Bernard Pudal*. **Pro-Posições**, 2009, vol.20, n2, pp. 129-138.

WILSON, J. F. O . *Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3 – Brasília, jan/jun, 2010. (<http://rbcp.unb.br/artigos/rbcp-n3-36.pdf>)